

O SEMÁFORO MÁGICO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história de um menino de rua que busca a alternativa de pedir esmolas em semáforos para tentar sobreviver. Nas humilhações que passa e exploração a que é submetido, no sofrimento das noites frias, encontra refúgio e apoio de um novo amigo - o Semáforo Mágico. Esta amizade o orienta e conduz a um melhor direcionamento na vida. Este livro foi escrito, principalmente, para ser utilizado em algum programa de responsabilidade social de empresas ou de órgãos do governo de amparo social, para distribuição às crianças de rua que esmolam em semáforos da cidade.

João José da Costa

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

INTRODUÇÃO

Esta história é uma história comum. Ela se repete e acontece milhares de vezes por dia, nos milhares de cruzamentos de ruas das cidades de nosso Brasil.

É uma história que você assiste todos os dias da janela do carro de seus pais ou quando passeia pelas ruas das cidades.

Entretanto, muito provavelmente, você desconhece a verdadeira extensão do drama destas centenas de crianças.

A história procura retratar um pouco da vida de crianças que esmolam em semáforos em busca de uma alternativa errada para o seu sustento e ajuda no sustento de suas famílias.

Estas crianças sofrem todos os tipos de perigos e ameaças para sua vida, sua educação e o seu desenvolvimento como pessoa. Conhecem, desde cedo, o significado da palavra humilhação. Para estas crianças, parece que o Destino negou-lhes uma oportunidade.

A história narra um dos quadros mais graves da realidade social vivida por crianças abandonadas em nosso país.

Assim que você terminar de ler este livro, aceite nossa sugestão de doá-lo para uma destas crianças de rua. Se você tiver condições financeiras, compre alguns livros a mais para aumentar sua doação. Assim, estas crianças de rua poderão ter um exemplo de como seus esforços na Educação, a fé em uma Religião e a manutenção da Moral, qualquer que seja a classe social, podem ser fatores de superação deste desafio.

A história alerta sobre os riscos e as tentações que a vida nas ruas oferece, possibilitando uma experiência útil em caso de enfrentamento de uma situação real.

Você aprenderá o que é o sentimento de solidariedade com as crianças menos favorecidas e poderá minimizar esta situação criando um hábito de doar suas roupas, calçados e brinquedos que não usa mais.

Após ler esta história, talvez você passe a olhar com olhos de maior compreensão e compaixão, ao ver uma destas crianças bater no vidro do carro de sua mãe ou de seu pai pedindo uma esmola.

Nossa história começa em um cruzamento qualquer de uma das movimentadas ruas de São Paulo.

- Ferrugem, você fica com o Brancão nesta calçada. O Orelha fica na calçada do lado de lá com o Neguinho. Eu fico deste lado com o Ditinho! Dizia Dudu, coordenando o trabalho de mais uma noite de esmola num cruzamento controlado por um semáforo.

Seu apelido era Ditinho, seu nome não interessava a ninguém. O próprio Ditinho às vezes esquecia seu próprio nome completo.

Mas, o seu apelido poderia ser também Neguinho, Brancão, Ferrugem, Orelha ou Dudu, seus amigos de pontos de esmolas nos semáforos espalhados pela cidade.

Sua história, a história de milhares de crianças que vivem pelas ruas das cidades deste rico e poderoso Brasil.

E o trabalho começava.

Ferrugem fazia malabarismos com bolas, Brancão tentava lavar os vidros de para-brisas, o Orelha apelava para a necessidade de compra de comida, Neguinho, mais criativo, dava saltos mortais.

Ditinho, mais acanhado, percorria as janelas dos carros com a mão estendida pedindo moedas.

Dudu tinha a missão de recolher as esmolas para, no final da noite, distribuí-las por igual entre todos.

Algumas noites, Ditinho e seus amigos estavam sozinhos. Outras noites, eles eram acompanhados por mulheres, algumas mães, ou homens. Estes adultos, que se mantinham longe e escondidos, acompanhavam o trabalho das crianças e recolhiam o dinheiro das esmolas.

Ditinho percebia que um número maior de crianças vinha para os semáforos e os pontos de esmolas muitas vezes eram disputados com brigas e ameaças. Percebia também que cada vez menos os motoristas dos carros davam esmolas.

A maioria se apressava em fechar suas janelas à aproximação das crianças pedintes. Outros, sequer olhavam o bonito espetáculo dos malabarismos e saltos mortais.

Limpar o vidro, nem pensar. A reação dos motoristas era quase sempre de recusa.

A situação para Ditinho estava cada vez mais desanimadora.

Ditinho morava em uma favela. Seu pai abandonara a família e seu paradeiro era desconhecido.

Também, sua mãe não sentia muita falta dele. Ele bebia muito e, muitas vezes, era violento. Sua mãe trabalhava como mulher de limpeza.

Ditinho, ao contrário, sentia muita falta de seu pai e procurava sempre por ele nas dezenas de ruas que percorria pela cidade. A esmola era muito importante para que ele pudesse ajudar sua mãe. As esmolas ajudavam na compra de comida.

Assim, Ditinho nunca foi à escola.

Nascido Benedito, desde cedo sua mãe o chamava de Ditinho. Este apelido ficou para sempre.

Na favela havia muitos outros barracos, mas nenhum tão bem cuidado e limpo como o de Ditinho.

Isto, graças ao extremo cuidado de sua mãe Raimunda. O barraco tinha apenas um quarto onde Raimunda colocara uma cama, uma pequena mesa quebrada e dois caixotes que serviam de cadeiras. No chão de terra, ela improvisou um fogão à lenha com tijolos onde apoiava as latas que usava para cozinhar.

Do lado de fora, Raimunda construiu um pequeno banheiro cercado por tábuas e dentro tinha um buraco no chão. Não havia água encanada, esgoto e nem luz na casa de Ditinho.

Raimunda lavava suas latas, pratos e roupas em uma tábua instalada do lado de fora. Ela pegava água em uma torneira da escola próxima de seu barraco, que carregava em uma lata na cabeça.

Ditinho adorava sua casa. À noite, podia ver as estrelas e a lua através dos buracos no telhado de zinco. Sua mãe falava que tinha que consertar o telhado e isto seria feito quando encontrasse folhas de zinco mais novas entre os materiais abandonados das construções.

Mas Ditinho torcia para que ele não encontrasse as folhas de zinco, preferia dormir contando as estrelas e admirando o brilho da lua.

O único problema era quando chovia. A chuva molhava por dentro da casa, fazia lama por dentro do quarto e molhava o colchão onde Ditinho dormia. Quando isto acontecia, ele procurava o canto mais seco do colchão e adormecia.

No dia seguinte, o sol secava a palha de milho com a qual era feito o colchão de Ditinho e tudo voltava ao normal. Afinal de contas, isto não acontecia todos os dias. Ditinho achava engraçado o barro seco que ficava preso entre os dedos dos seus pés descalço.

E assim era a rotina diária de Ditinho - ajudava na limpeza do barraco e à noite saía para pedir esmolas. No caminho, podia ver outras crianças da favela e do bairro com seus cadernos e livros a caminho da escola. Ditinho ainda não estava na escola. Isto era algo que ele não podia sonhar.

Afinal de contas, sua mãe dependia muito do dinheiro que ele ganhava todos os dias com a coleta de esmolas.

Mas, ele imaginava o que era uma escola e o que as crianças aprendiam lá. Nestes momentos, Ditinho ficava um pouco triste. Mas, tão logo ganhava uma esmola, voltava o seu entusiasmo e garra pela vida.

À noite, Raimunda contava as moedas e algumas notas. Não dava para muita coisa, mas ajudava na compra de pão, leite, café e para algumas outras necessidades.

- Ditinho, as esmolas estão fracas. Procure não ficar muito tempo no mesmo semáforo. Vá mudando. Não fique com muitas outras crianças! Orientava Raimunda.

- Mas, mãe! Os motoristas estão cada vez menos dando esmolas. Eles não gostam da gente. A gente pede, pede, somente um ou outro dá esmola.

Ditinho resolveu tentar a sorte, sozinho. Não sabia fazer malabarismos com bolas, nem dar saltos mortais. Como era baixo, não conseguia lavar os vidros dos carros.

Pela noite fria, ele procurou outro semáforo onde não havia tanta concorrência. Não foi fácil. A cidade toda estava tomada por crianças pedindo esmolas em semáforos. E o número crescia cada vez mais.

Em uma noite fria e mal agasalhado, Ditinho achou um semáforo sem a presença de outras crianças.

Era um cruzamento entre ruas mal iluminadas no centro velho da cidade. Passavam muitas mulheres vestidas de forma estranha e homens vestidos de mulheres.

De vez em quando, a sirene da polícia fazia todo mundo correr e se esconder. Mas, alguns minutos depois eles voltavam.

O frio era intenso e Ditinho pedia esmola tremendo de frio. Ele se limitava, como sempre, a dizer:

- Moço, tem uma moeda para eu comprar comida?

Pelo fato de estar sozinho, pela noite fria e pelos tremores de frio, Ditinho passou a conseguir um valor maior de esmolas. Estava contente com o seu novo semáforo.

Mas, não tardou para um homem de aparência rude se aproximar dele e falar:

- Garoto, você está sozinho por aqui. Isto aqui é muito perigoso. Eu vou te dar proteção e você divide a esmola comigo. Estamos combinados?

- Não, moço. As esmolas são minhas. Tenho que levar o dinheiro para a minha mãe! Respondeu Ditinho com firmeza.

Mas, o tal homem o agarrou com força pelo braço, gritando:

- Então você vai ter que encontrar outro semáforo. E, olha, se você não quiser colaborar, é melhor se mandar daqui!

Ditinho resolveu concordar. Afinal de contas havia achado um ponto de semáforo bom e as esmolas estavam aumentando.

O tal homem, às vezes, pingava limão em seus olhos para que Ditinho parecesse estar chorando e, assim, ganhar mais esmolas. Apesar da dor que sentia nos olhos, Ditinho achava que isto funcionava.

Por alguns dias, este esquema até que funcionou bem para Ditinho, até que o tal homem foi expulso do lugar por outro homem. E este novo homem não queria mais que Ditinho pedisse esmola.

Entretanto, ele tinha um outro ‘trabalho’ para Ditinho - levar pacotinhos fechados para outras pessoas com alguma coisa dentro que Ditinho não sabia o que era.

Estas pessoas deveriam pagar pelos pacotinhos. Ditinho passou a ganhar mais do que ganhava em esmolas com o dinheiro que o novo homem lhe dava. E ele parecia ser muito poderoso, tinha até um revólver!

O serviço parecia fácil. Os carros paravam. Ditinho entregava os pacotinhos, recebia o dinheiro, entregava para o novo homem armado. Foi assim, até que a polícia prendeu este homem.

Mais tarde, Ditinho ficou sabendo que ele era um traficante de drogas. Ditinho ficou muito assustado e aprendeu a lição. Nunca mais entregaria pacotinhos e se apressou em sair daquele ponto.

Ditinho continuou a sua caminhada pelas ruas molhadas e frias da cidade. Parou num cruzamento, sem rumo, encostou-se no poste perdido com os seus pensamentos. Foi quando ouviu uma voz:

- Ei, psiu!

Ditinho olhou para os lados, não viu nada. Ficou com medo:

- Será que é fantasma?

O cruzamento era escuro, passavam poucos carros.

- Ei, psiu! Estou aqui em cima.

Ditinho olhou para o alto dos prédios, as janelas estavam fechadas e as luzes apagadas.

Mas, quando olhou mais para o lado, viu um lindo semáforo, colorido com as cores do arco-íris. O semáforo tinha as três cores verde, amarelo e vermelho na cabeça, um chapéu de mágico e uma boca, uma boca que falava!

Ditinho ficou assustado e saiu correndo para sua casa. Nem falou nada para Raimunda com medo que ela o chamasse de louco ou o proibisse de sair.

Um novo dia, uma nova noite. Ditinho não via alternativa - tinha que voltar ao seu ponto de esmola e se perguntava:

- Será que aquele semáforo estranho estará lá novamente?

E estava!

Quando o semáforo dava o sinal vermelho, ele não conseguia falar com Ditinho. Era a hora de Ditinho pedir esmolas. Mas, quando os carros seguiam após o sinal verde, o semáforo voltou a se comunicar com Ditinho:

- Ei, boa noite! Eu quero ser seu amigo! Qual o seu nome?

Ditinho olhou para os lados e, meio envergonhado, resolveu responder:

- Ditinho!

- Ditinho? Que apelido bonito! Mas, qual o seu nome de verdade?

- Benedito!

- Benedito? Também é um nome bonito! E como você gosta de ser chamado?

- Ditinho!

- Muito bem, Ditinho. Olha! Eu quero ser seu amigo e podemos conversar todas as noites e todas as vezes que eu acender a luz verde para os carros passarem. Assim, você terá um amigo para conversar enquanto espera a luz vermelha. O que acha?

- Mas, sobre o que vamos conversar? Eu não gostaria que meus amigos me vissem falar com você. Eles podem pensar que estou ficando louco!

- Combinado! Quando seus amigos estiverem aqui, eu não apareço!

- Mas, sobre o que vamos conversar? Insistiu Ditinho.

- Sobre vários assuntos. Amigos conversam sobre vários assuntos. Eu posso contar histórias para você. Podemos falar sobre o que você vai ser quando crescer. E coisas assim. Que acha?

Ditinho foi se entusiasmando e ganhando confiança em seu novo amigo.

- Acho legal! Eu nunca ouvi histórias de ninguém. Conte uma história para mim, então!

- Bem, eu tenho uma história que gosto muito. É a história de Cotinho, um porquinho que não queria virar presunto. Quer ouvir esta?

- Que engraçado! Um porquinho que não queria virar presunto! Quero ouvir sim! Confirmou Ditinho.

E o Semáforo Mágico começou a contar a história do porquinho que não queria virar presunto:

Era madrugada na Fazenda Santa Cruz. A Lua imitava o Sol. Ela tinha tanta claridade que iluminava todo o terreiro. Parecia até dia.

No chiqueiro a agitação era muito grande. Algo estava acontecendo que chamava a atenção de todos os porcos. A cachorra Ruana latia sem parar.

Tonico não demorou a acordar com todo este barulho. Assustado, Tonico pensava:

Será que era ladrão querendo roubar os porcos?

Será que era alguma onça rondando o terreiro?

Ou seria um lobisomem vagando pela Lua cheia?

Com estes pensamentos, Tonico se escondeu debaixo da cama. O seu Ademir, pai de Tonico, saiu para ver o que estava acontecendo.

Não demorou muito para o seu Ademir descobrir o que provocava todo este alvoroço. A porca Porcana deu cria e nasceram 13 lindos porquinhos. Todos os porcos vinham para ver a nova família do chiqueiro, fazendo grande barulho.

Entre os porquinhos nascia Cotinho, o mais esperto e forte. A luta pelas tetas da mãe, em busca do precioso leite da vida, era muito grande. Cada um procurava afastar com o focinho o outro para garantir um bom lugar.

Porcana estava feliz e se deitava oferecendo suas tetas para todos os filhotes. Ela sentia cócegas com o toque de 52 pezinhos sobre sua enorme e gorda barriga.

O seu Ademir trabalhava para o Dr. Siqueira. Ele era o dono da Fazenda Santa Cruz e era muito rico. Ele era um fazendeiro e grande criador de bois e porcos.

O seu Ademir, dona Vilma e Tônico moravam em uma casa simples. A casa tinha uma pequena cozinha, com fogão a lenha, um quarto e uma pequena sala. Tudo era muito simples, mas muito limpinho e organizado.

Seu Ademir fazia todas suas compras na venda da fazenda. Na vendinha ele podia comprar comida, botinas, ferramentas, panelas e outras coisas.

Aos domingos rezavam em uma pequena capela. O seu Ademir sentia-se feliz desta forma e achava que tinha tudo que precisava. Somente ia à cidade quando precisava comprar algum remédio ou roupas.

Tonico vivia e crescia na fazenda, sem conhecer o mundo fora de suas cercas.

No dia seguinte do nascimento dos porquinhos, cada um tinha uma reação diferente.

O Dr. Siqueira estava satisfeito pelos lucros que teria com a venda de mais 13 porquinhos.

O seu Ademir estava feliz pelo aumento da criação de porcos e isto significava trabalho para ele.

Tonico estava feliz por ter mais 13 amiguinhos para brincar, enquanto eles estivessem na fazenda.

A porca Porcana estava feliz por ter tido 13 lindos filhotes. Ela sentia que, enquanto tivesse crias sadias e numerosas, permaneceria na fazenda.

O grande porco Porcão estava feliz por ser pai de mais 13 filhotes e manter sua condição de reprodutor.

Ruana estava muito preocupada. Ela sabia que teria mais 13 porquinhos para infernizar sua vida, roubando sua comida e sujando sua água.

Mas, Cotinho e seus irmãos ignoravam toda esta movimentação. Eles queriam mais é mamar e dormir na barriga gorda e quentinha de sua mãe. Às vezes acordavam e se assustavam com os latidos de Ruana. Eles corriam para baixo de sua enorme mãe que os protegia.

Assim, alegres e brincalhões, viviam os porquinhos. Eles corriam uns atrás dos outros, mordendo as orelhas de sua mãe. E, comiam, comiam muito, engordando cada vez mais.

Se não estavam comendo, estavam fazendo outra coisa que gostavam muito - banhar-se na lama do chiqueiro.

Comida não faltava. O seu Ademir dava comida à vontade para todos. Parece até que ele queria que todos os porquinhos crescessem e engordassem depressa.

Mas, o seu Ademir cumpria ordens do patrão Dr. Siqueira que queria os seus porcos de bom peso para vender.

Mas, de repente o Semáforo Mágico parou de contar a história. Os carros estavam buzinando, fazendo um grande barulho.

A razão para isto era que o Semáforo Mágico ficou tão entretido com a história que contava para o seu novo amigo Ditinho, que esquecera de acender o farol verde para os carros passarem.

Ditinho, igualmente, estava começando a ficar irrequieto. A história estava boa, mas ele precisava que o semáforo fechasse para os carros pararem. Só assim, podia coletar suas esmolas.

Bem, o Semáforo Mágico foi generoso. Deixou o sinal verde por um tempo maior, desafogando o trânsito na avenida. Depois, reteve a luz vermelha por um tempo também maior para Ditinho conseguir algumas esmolas.

- E aí, Ditinho! Você está gostando da história?

- O começo está bom!

Como sempre, poucas pessoas nos carros deram esmolas. Algumas, já tinham dado esmolas nos outros semáforos, outras eram contra dar esmolas para crianças nas ruas.

Assim, Ditinho conseguiu somente algumas poucas moedas. Mas, a noite estava começando. Tinha muito tempo, ainda, pela frente.

E o Semáforo Mágico prosseguiu na história:

Quando já estavam com dois meses, os porquinhos começaram a andar por todos os lados do chiqueiro e conhecer seus outros primos. E eles eram muitos.

Certo dia, Cotinho parou em frente a um curral onde cerca de 20 porcos estavam presos.

Todos eram muito bonitos e gordos. Cotinho arriscou uma pergunta:

- *Ei, primos! Eu sou o Cotinho! O que vocês estão fazendo aí presos? Porque vocês não vêm brincar e passear pelo terreiro?*

Os porcos olharam uns para os outros achando estranha a pergunta do novo primo. Aí, um deles falou:

- *Você é novo por aqui mesmo, não? Ainda não te falaram sobre o abate?*

- *Abate? Perguntou Cotinho de volta.*

- *Ei, porcada, ele não sabe o que é o abate!*

E todos riram de Cotinho que se retirou triste. Abate, abate, pensava ele, O que seria isto?

Mas, como todo filhote, Cotinho queria mais era brincar. Uma das brincadeiras que ele mais gostava era pegar a lata de sua comida da Ruana e sair correndo pelo terreiro e ela correndo atrás dele.

Certo dia, Cotinho resolveu perguntar para sua mãe o que era o abate:

- *Abate, Cotinho, bem, eu não gostaria de falar sobre isto agora. É muito cedo, ainda. Você é muito novo e deve mais aproveitar para comer bastante, brincar e se divertir. Afinal de contas, a vida é bem mais curta do que a gente imagina! Mas, qualquer dia, teremos que falar sobre isto, meu filho.*

Assim, Cotinho seguia os conselhos de sua mãe e aproveitava para brincar, comer, passear, comer, visitar os lugares do chiqueiro, comer, comer.

Com o tempo, Cotinho passou a ser o porquinho maior e mais gordo de toda a ninhada. Ele ficava muito vaidoso com os elogios do Dr. Siqueira:

- *Veja, pessoal, este porquinho mal tem dois meses e parece que já tem quatro meses. Este, com certeza, vai para o abate mais cedo!*

Cotinho começou a acreditar que este tal de abate era algum lugar bom ou alguma coisa boa. Todos gostavam dele e queriam que ele fosse para o abate mais cedo.

Em uma preguiçosa manhã de calor, Cotinho dormia tranquilamente na lama quase seca do terreiro perto do tanque onde dona Vilma, mãe de Tônico, lavava roupa.

Foi quando ele ouviu um barulho de um enorme caminhão que entrava pela porteira da fazenda. O seu Ademir, imediatamente, foi ao encontro do caminhão indicando o local do chiqueiro.

De lá, Cotinho viu cerca de 100 primos seus já crescidos serem levados para o caminhão e correu para junto de sua mãe, perguntando:

- *Mãe, para onde estes homens estão levando nossos primos?*
- *Cotinho, eles já estão prontos para o abate e estarão, agora, viajando por uma longa estrada e não voltarão mais.*
- *É, mãe? E isto é bom para eles?*
- *Filho, todos nós porcos da fazenda nascemos com esta finalidade. O Dr. Siqueira somente nos tem aqui com a finalidade do abate. Isto é algo que todos nós sabemos e procuramos aceitar com resignação!*
- *Mãe, pelo tom de suas palavras, parece que este abate não é bom para nós!*
- *Cotinho, pense desta forma - nós apenas existimos por causa do abate. Assim, ele é bom para nós!*

Cotinho ficava cada vez mais intrigado com este misterioso abate. Mas, algo em seu enorme coração de porco dizia que isto não era uma coisa boa para ele. E ele prometeu descobrir isto!

E não demorou muito para ele descobrir o real significado da palavra abate.

O Semáforo Mágico interrompeu a história novamente. Não queria que os carros buzinassem, nem queria que Ditinho ficasse preocupado com o tempo para suas esmoladas.

- *Semáforo, puxa, eu estou ficando com dó do Cotinho. Na verdade, todos os porcos são criados para ser abatidos e comidos. Mas, eu nunca tinha me colocado na posição deles!*

- *É verdade, Ditinho. Quando comemos carne de animais não nos colocamos na posição deles. Mas, os animais têm vida, sofrem e sentem como todo ser vivo. Mas, entendo que os homens precisam criar animais para poder sobreviver. Mas, o que não se pode aceitar é que matem também os animais selvagens para comer. Assim, eles serão extintos!*

- *Bem, continue com a história. Eu gostaria de ver como Cotinho vai sair desta! Pediu Ditinho.*

E o Semáforo Mágico continuou a história:

E isto mudou o rumo de sua vida. Em uma de suas andanças pelo chiqueiro, ele encontrou Banha.

Banha era uma porquinha gordinha que ele gostava muito e lhe perguntou:

- *Banha, sua mãe já lhe explicou o que é o abate?*

- *Já, Cotinho. Quando eu completei dois meses ela me falou a respeito.*

- *Mas, Banha o que é o abate? Sinto que minha mãe Porcana está evitando falar sobre este assunto.*

- *Cotinho, o abate é o meio que os homens criaram para nos tornar úteis para eles. São milhões e milhões de seres humanos que dependem de nós para sobreviver.*

- *Eles dependem de nós, Banha. Como?*

- *Cotinho, eles comem muito e precisam de muitas coisas para comer, como arroz, feijão, verduras, frutas, carnes, embutidos, enlatados.*

Cotinho começou a sentir um frio gelado correr por sua espinha e estava com medo de continuar perguntando. Mas, sua curiosidade era maior:

- *Comer carne? Os homens comem carne? Carne de que?*

- *Eles comem todos os tipos de carnes, principalmente a carne de boi, frango e porco. Têm alguns homens que comem até a carne dos pobres*

animaizinhos da floresta. Com a carne de porco eles gostam muito de fazer linguiça, pernil, presunto. Os porcos mais gordos e bonitos vão para a fabricação de presunto.

- *Quer dizer então que o abate significa nos matar para comer?*
- *Cotinho, os humanos não usam o verbo ‘matar’. Esta palavra é muito forte para eles! Eles preferem usar o verbo ‘abater’ que fica mais suave.*
- *Abater ou matar para mim é a mesma coisa! Eu não quero ser morto para virar presunto!*

Banha explicou isto com a maior naturalidade e resignação. Ela viu seus avós, pais, tios, primos irem para o abate. Ela sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria a hora dela e de seus irmãos.

- *Mas, Banha, você aceita isto? Não vai lutar contra isto?*
- *Cotinho, só rindo de suas perguntas. Nós não podemos fazer nada. O que nos resta é aproveitar ao máximo esta nossa curta existência na fazenda para comer. É por isso que nós os porcos gostamos de comer muito e depressa! Quer um conselho? Vá comer e se divertir. Não fique preocupado muito com o abate. Sua mãe não falou que se não fosse o abate você nem estaria aqui? Portanto, você ainda está ganhando!*

Os dias seguintes foram terríveis para Cotinho.

Ele não queria ir para o abate, muito menos virar presunto e ser comido pelos homens, apesar de gostar tanto de ver as crianças comendo um gostoso sanduíche de presunto. Mas, à custa de minhas pernas e lombo? Não, isto não, pensava revoltado.

O que mais aborrecia Cotinho era ver como todos os porcos do chiqueiro aceitavam a ideia do abate. Eles viviam como se nunca iriam para o abate. Isto incluía seus pais e seus irmãos.

Eles não se preocupavam muito com isto. Queriam apenas comer, comer, comer cada vez mais. Aceitavam isto de cabeça baixa. Porcos andam sempre de cabeça baixa.

Mas, Cotinho não. Ele queria viver, crescer, passear, conhecer o mundo ao redor da fazenda e morrer um dia por velhice, como todo mundo. Abate nem pensar.

Nos dias que se seguiram, Cotinho tinha somente um pensamento – como livrar-se do abate. Cotinho começou a observar tudo e todos em volta da fazenda. Não demorou muito para descobrir que nem todos os animais iam para o abate.

- *Ditinho, preste muita atenção na história agora. Veja como Cotinho ficou inconformado e procurou lutar para mudar seu Destino. Será que ele vai conseguir? Depois, nós vamos voltar a falar sobre este assunto!*

Cotinho notou que havia alguns animais que os homens gostavam, alimentavam, faziam carinho, davam banho e gostavam de estar sempre com eles, como o cão e o cavalo.

Cotinho via a forma como Ruana se aproximava do Dr. Siqueira, arfando, abanando o rabo, com a boca aberta como se estivesse sorrindo. O Dr. Siqueira a acariciava na cabeça e, não raras vezes, dava alguma coisa para ela comer.

Assim, Cotinho decidiu arriscar. Aproximou-se do Dr. Siqueira arfando, abanando o rabicho retorcido e com a boca aberta imitando um sorriso. Mas, o que ouviu foram gritos do Dr. Siqueira para o seu Ademir:

- *Quem soltou este porquinho? Eu quero todos os porcos no chiqueiro. Andando por ai eles perdem peso e valem menos!*

Mas, Cotinho não desanimava e sempre dava um jeito de escapar do chiqueiro. Certo dia viu o Dr. Siqueira atirar um pedaço de pau para Ruana pegar.

Ele viu a cachorra pegar e trazer o pequeno pedaço de pau entre os dentes para o Dr. Siqueira.

Quando o Dr. Siqueira atirou o pau pela segunda vez, Cotinho apressou-se e chegou na frente e, zás-trás, pegou o pau primeiro e o prendeu entre os dentes levando-o rapidamente para o Dr. Siqueira.

O rico fazendeiro, desta vez, achou muito engraçado um porquinho pegar um pedaço de pau atirado longe e ria com gosto, dizendo:

- *Meus amigos não vão acreditar quando eu falar o que acabo de ver. Um porquinho agir como um cão, isto é muito engraçado!*

Desta vez, ele não gritou para o seu Ademir prendê-lo no chiqueiro. Para Cotinho, tinha sido uma primeira vitória.

E Cotinho não parou por aí. Em um domingo pela manhã o seu Ademir estava preparando o fogo para assar carne. Haveria um grande churrasco para os amigos do Dr. Siqueira.

Para ter um fogo bom e forte, o seu Ademir andava pela fazenda procurando pedaços de galhos secos espalhados pelo pasto. Abaixava, pegava um ali, outro acolá, segurando-os debaixo dos braços, formando um feixe.

Cotinho viu, assim, uma segunda oportunidade - começou a correr em voltas e trazia todos os galhos secos que achava. Assim, o seu Ademir pode juntar todos os galhos que queria mais rapidamente.

O seu Ademir não contava com esta ajuda extra do porquinho que o seguia por todas as partes e comentou isto com o patrão.

- *Um porquinho que age como cão, que ajuda a pegar galhos para o fogo, isto é demais! Respondeu o Dr. Siqueira, começando a ficar orgulhoso de seu porquinho.*

Nem sempre Cotinho era calmo em suas tentativas. Às vezes, entravam pessoas estranhas na fazenda. Ruana latia e tentava morder os intrusos, defendendo a fazenda.

E Cotinho não deixava por menos. Lançava-se contra as pessoas estranhas procurando morder seus calcanhares. Logo, logo, elas corriam e iam embora, abandonando a fazenda.

De longe, o seu Ademir e Dr. Siqueira gostavam de ver que a fazenda passou a ter outro cão de guarda, ou melhor, um porquinho de guarda - Cotinho.

Durante o churrasco, o Dr. Siqueira se orgulhava de mostrar aos seus amigos o seu porquinho diferente. Jogava pedaços de pau para ele ir buscar. Cotinho, em todas às vezes, obedecia.

Todos riam e diziam que nunca tinham visto algo parecido. Como brincadeira, mandava Cotinho avançar em alguns de seus amigos:

- *Pega, pega Cotinho este homem mal! E Cotinho corria atrás deles, fingindo querer morder seus calcanhares.*

Cotinho crescia e já podia ser considerado um porco jovem, mas adulto. Estava gordo e forte. Quando Ruana tomava banho com sabão e água da mina, Cotinho se aproximava do seu Ademir para ser lavado também. Ele queria sempre ficar bem cheiroso para os patrões.

Em uma das visitas dos netos do Dr. Siqueira à fazenda, um dos cavalos empacou. Ele não quis se mexer, mesmo sendo ameaçado de chicotadas.

Com esta recusa, estava faltando um cavalo para uma das netas do Dr. Siqueira, que chorava inconsolável.

Foi quando Cotinho se aproximou e baixou-se perto dela, oferecendo-lhe as costas para que montasse. Delicadamente, Cotinho a levou para passear por toda a fazenda. Isto foi sua consagração final.

- *Este porco é um colosso! Ele é um artista! Vou ficar com ele para sempre na fazenda. Será o meu novo mascote! Dizia o fazendeiro, para alegria de todos, principalmente de Tônico.*

Cotinho passou a ser uma celebridade. O padre da paróquia, o delegado e até o prefeito da cidade vieram conhecer Cotinho e se encantaram com ele.

O Dr. Siqueira recebia os visitantes na fazenda e fazia questão de mostrar, pessoalmente, as traquinagens que Cotinho fazia.

Cotinho foi notícia na rádio e saiu até no jornal da cidade. Cotinho ganhou até um laço de fita vermelha ao redor do pescoço. Assim, ele se sentia todo importante e orgulhoso.

O Semáforo Mágico interrompeu a história para dar algumas explicações para Ditinho:

- Você viu, Ditinho? O nosso porquinho Cotinho conseguiu mudar o seu Destino procurando alternativas para a sua vida. Ele poderia aceitar tudo como os demais porquinhos. Afinal de contas, todos os porquinhos, mais cedo ou mais tarde, vão para o abate. Mas, ele não! Lutou se dedicou e foi perseverante para procurar novos rumos para o seu Destino e conseguiu!

- É, mas isto é uma história. Na vida real é diferente! Respondeu Ditinho resignado.

- Não, absolutamente não! Respondeu o Semáforo Mágico tão firme que todas suas luzes se acenderam, provocando uma grande confusão no trânsito.

E o Semáforo Mágico continuou:

- Todos podem lutar por um Destino melhor. A vida tem inúmeros exemplos disto. Existem muitas crianças que viveram em uma sociedade desfavorável, mas se tornaram músicos, escritores, esportistas, trabalhadores qualificados e tantas outras situações!

- É, mais eu não sei não no meu caso. Eu tenho que ajudar minha mãe. Nós temos dinheiro somente para a comida e para mais nada!

- Ditinho, vamos continuar nossa história. Mas, depois quero voltar a este assunto!

E, assim, Cotinho viveu por muitos anos na fazenda e nunca foi para o abate.

Este foi um prêmio pelo seu esforço de lutar por uma vida melhor.

Ele nunca concordou com os porcos do chiqueiro sobre a ideia de aceitar o abate como um fato natural e contra o qual não poderia fazer nada. Ele não concordava com a resignação de seus parentes porcos de aceitar uma condição tão desfavorável passivamente.

Assim, ele recebeu o merecido prêmio de ter lutado por uma vida melhor.

Um longo tempo se passou. Cotinho agora estava velho e gordo. Passava a maior parte do tempo deitado na varanda da casa do Dr. Siqueira.

Continuava a mascote, porém não era mais exigido dele que demonstrasse suas habilidades e traquinagens. Ele estava aposentando. Assim, limitava-se a dormir, comer e acompanhar os acontecimentos à sua volta, principalmente, a rotina do seu amigo Tônico.

Via que Tônico crescia e completava agora 15 anos de idade e, como é natural, começou a pensar em seu futuro. Tônico observava a vida que vivia na fazenda e, principalmente, a vida de seu pai Ademir.

Tônico via seu pai levantar às 5 horas da manhã, tomar um rápido café, comer um pedaço de pão amanhecido e ir ao trabalho.

Todos os dias, de Sol a Sol, via seu Ademir trabalhar duro na enxada até o fim da tarde, quando começava a anoitecer. Seu pai mal ganhava para comer e comprar algumas roupas e calçados.

Mas, o seu Ademir não parecia ser um homem infeliz. Ele estava satisfeito de morar na casa da fazenda, ter sua comida garantida todos os dias, apesar de simples.

À noite, sentava-se no banco de madeira do lado de fora da cozinha, onde proseava com os seus amigos, todos os peões, e contavam casos, pitando um cigarrinho de palha. Esta era a sua rotina todos os santos dias.

Um dia, Tônico perguntou ao seu pai:

- *Pai, eu também vou trabalhar na fazenda?*
- *Claro, meu filho! Há muito tempo que meu pai, meu avô, meu bisavô, trabalhamos na lida do campo, plantando, cuidando de bois e porcos, construindo cercas. E você, que agora está ficando moço, vai ser um peão também e dos bons! Não há nada que você possa fazer para mudar esta situação. Esta é a nossa vida e sempre fomos felizes assim.*
- *Mas, pai, eu tenho outros planos para mim! Eu quero outro tipo de vida, eu quero conhecer a vida fora da fazenda, estudar, conhecer outras pessoas, outros lugares. Ficar na fazenda para sempre, nem pensar!*
- *Tônico, deixe de sonhar! Disse o seu pai sorrindo e resignado. Aqui não é ruim, temos nossa casa, a venda para comprar o que precisamos nosso trabalho, acordamos com o cantar do galo, ouvimos os passarinhos, proseamos com os amigos, aos domingos rezamos na capela. O que um homem pode querer mais na vida? Nunca mais vamos falar sobre este assunto!*
- *Mas, pai! O trabalho é muito duro e o senhor mal ganha para viver. Este trabalho não dá muito futuro. O pouco que ganha fica para pagar a venda! Sua saúde já está sendo prejudicada por tantas horas debaixo de Sol e chuva!*
- *Tônico, deixe de falar besteira! Entreviu dona Vilma. O seu pai tem toda razão. O mundo lá fora não é melhor do que o mundo que temos aqui na fazenda. Nós sempre fomos peões e sempre seremos!*

Cotinho acompanhava esta conversa de longe. Queria poder falar com Tônico, que ficou triste e decepcionado após a conversa com os seus pais.

Não era bem esta vida que Tônico queria para si, mas, não sabia o que fazer.

O Semáforo Mágico voltou a interromper a história, perguntando para Ditinho:

- E você, Ditinho. Você acha que Tônico deve aceitar esta situação com resignação ou deve ir em busca de seus sonhos e ideais de vida? Será que o porquinho Cotinho ensinou alguma coisa para Tônico? O que Tônico deveria fazer para realizar os seus sonhos e ideais de vida? Reflita sobre isto! Que final você daria para esta história? Você acha que Tônico deveria ficar na fazenda e se tornar um peão conforme o gosto de seus pais? Você acha que Tônico deveria procurar convencer seus pais a respeito de seus sonhos e planos para o futuro?

- Bem, eu acho que ele deve obedecer a seus pais e ficar na fazenda! Acertei?

- Ah, você quer saber como terminou a história do Tônico? Retrucou o Semáforo Mágico.

Tônico conseguiu convencer os seus pais para ir morar na cidade, por uns tempos, com uma tia muito querida.

Na cidade, encontrou uma grande e mágica porta que tornou seus sonhos uma realidade - a escola! E percorreu os caminhos certos e seguros dos estudos.

Para tranquilidade de seu Ademir e dona Vilma, Tônico visitava a fazenda todos os finais de semana. Ele procurava contar as novidades para Cotinho, que o olhava com atenção e carinho, apesar de não poder responder.

Tônico formou-se Agrônomo, demonstrando que a vida da fazenda tinha marcado muito sua vida. Hoje ele trabalha em uma grande empresa que possui grandes fazendas de plantação de soja, milho e outros grãos, além de produzir óleo de soja e de milho. Tônico era um funcionário muito importante.

Graças aos estudos, realizou os seus sonhos e ideais de vida e vive uma vida bem confortável e feliz ao lado da esposa e filhos.

Em sua mesa de trabalho no escritório, Tônico, agora o Dr. Antônio, mantinha um porquinho de porcelana. Em sua perna mandou escrever a palavra 'Cotinho'. Todos os dias, o Dr. Antônio olhava para o pequeno porquinho de porcelana branca, tomava-o em suas mãos, acariciando-o suavemente.

Em alguns momentos, o seu pensamento viajava longe no tempo e se lembrava, com saudades, da época do Cotinho e da vida com os seus pais na fazenda.

Na fazenda distante, muito tempo se passou. Cotinho continuava na varanda da casa do Dr. Siqueira, dormindo, comendo, acompanhando os acontecimentos à sua volta, até que um dia não acordou mais...

Ao redor de seu pescoço Cotinho trazia, ainda, o laço de fita vermelha, que mostrava como tinha sido especial para todos que o conheceram em vida.

Por muitos e muitos anos ele continuou sendo lembrado na fazenda, por suas brincadeiras, por seus exemplos. Exemplos de perseverança e determinação em vencer as condições desfavoráveis impostas pela sociedade porca onde nasceu.

- Bem, Ditinho. Chegamos ao final de nossa história. O que você achou? Gostou?

- Gostei muito. Mas, ainda não consegui ver como esta história pode me ajudar em mudar minha vida!

O Semáforo Mágico ficou mudo e calado por alguns minutos. Todas suas luzes se apagaram, causando, mais uma vez, a paralisação do trânsito.

- Hum, este caso vai ser um pouco mais complicado do que eu imaginava! Pensou o Semáforo Mágico.

Mas, quando ele ia retomar o diálogo com Ditinho, apareceu um carro do serviço de trânsito e alguns homens desceram:

- Miguel, este é o semáforo que está apresentando muito defeito. Vamos levá-lo para a manutenção. Se não tiver conserto, vamos mandá-lo para a sucata!

Os homens imediatamente isolaram a área e começaram a retirar o semáforo do local, instalando outro.

Ditinho, assustado e sentindo a perda do amigo, chorando disse:

- Por favor, homens. Não levem o meu amigo. Ele era o único amigo que eu tinha. Eu conversava com ele todas as noites. Ele me contava histórias e falava coisas boas para mim! Por favor, deixe o semáforo aí!

Os homens se surpreenderam com a reação do Ditinho, dizendo um para o outro:

- Ah, estas crianças de rua estão ficando cada vez mais malucas. Dá dó. A sociedade deveria cuidar melhor delas!

E os homens continuaram o seu trabalho.

O Semáforo Mágico foi jogado sem dó nem piedade no caminhão e levado embora.

Ao longe, Ditinho chorava e via o seu amigo ir embora.

- O que eu faço agora de minha vida? Questionou-se inseguro.

Nos dias e noites seguintes, Ditinho tentava continuar sua vida, triste e com saudades de seu amigo.

Nas paradas da luz vermelha, Ditinho se dirigia janela por janela dos carros, como sempre.

Via motoristas que nem olhavam para ele, outros se apressavam em fechar os vidros da janela do carro. Alguns diziam que não tinham trocado. Outros, sequer olhavam para ele ou falavam alguma coisa. Simplesmente continuavam a olhar para frente com os olhos parados como se estivessem congelados. Somente um ou outro procurava no bolso alguma moeda e lhe dava.

A luz verde se acendia, autorizando os carros a seguir em frente. Ditinho voltava para o seu posto e ficava olhando para o semáforo.

Por alguns dias nutriu a esperança que ele voltasse a falar com ele. Mas, que nada.

O novo semáforo cumpria o seu papel com eficiência e precisão de um relógio - acendia o verde, depois o amarelo, depois o vermelho, acendia o verde, depois o amarelo, depois o vermelho.

- Finalmente, consertaram este maldito semáforo! Diziam alguns motoristas que passavam sempre pelo local.

A vida de Ditinho já não era mais a mesma depois de conhecer o Semáforo Mágico.

Triste e com saudades, ele tomou uma decisão:

- Vou procurar outra esquina. Não estou conseguindo ficar feliz aqui sem o meu amigo.

Os dias foram passando. Outra esquina, outro semáforo, carros e motoristas diferentes.

Mas, sua rotina era a mesma. Corria carro por carro, sentia o desprezo e indiferença da maioria dos motoristas, já acostumados e resignados de verem tantas crianças esmolando nos semáforos.

As esmolos diminuíam dia a dia. Ditinho mal conseguia acumular moedas para garantir um mínimo de comida no dia. De vez em quando, lembrava-se de algumas palavras do Semáforo Mágico:

‘Você viu, Ditinho? O nosso porquinho Cotinho conseguiu mudar o seu Destino procurando alternativas para a sua vida. Ele poderia aceitar tudo como os demais porquinhos. Afinal de contas, todos os porquinhos, mais cedo ou mais tarde, vão para o abate. Mas, ele não! Lutou se dedicou e foi perseverante para procurar novos rumos para o seu Destino e conseguiu...’

‘Todos podem lutar por um Destino melhor. A vida tem inúmeros exemplos disto. Existem muitas crianças que viveram em uma sociedade desfavorável, como em favelas, mas se tornaram músicos, escritores, esportistas, trabalhadores qualificados e tantas outras situações...’

‘Ditinho, vamos continuar nossa história. Mas, depois quero voltar a este assunto...’

- Mas, como ele vai voltar a este assunto se foi levado embora! Lamentava Ditinho.

Novos personagens começavam a surgir na grande praça onde Ditinho decidiu ficar.

Eram personagens bem estranhos.

Mulheres quase nuas desfilavam com pinturas extravagantes no rosto e paravam para conversar com os motoristas dos automóveis. Algumas entravam nos carros. Homens vestidos de mulheres faziam a mesma coisa. Homens e mulheres maltrapilhas com garrafas de pinga nas mãos se embebedavam.

Crianças em grupos apareciam e passavam a fazer parte deste estranho grupo da noite. Algumas tinham latas nas mãos que cheiravam. Ditinho olhava tudo e se assustava. Estas crianças, depois de cheirarem as latas, saíam em corrida e atacavam as pessoas que passavam, arrancando relógios, joias e carteira de dinheiro e fugiam quando aparecia a polícia.

Mas, logo estavam de volta e continuavam a cheirar as latas. Algumas passavam mal e chegavam a cair. Outras brigavam entre si e se machucavam.

Uma delas, com os olhos bem vermelhos, se aproximou de Ditinho procurando saber o que ele estava fazendo em seu pedaço.

- Esta praça é sua? Perguntou Ditinho, inocentemente.
- Você está me provocando, eu te quebro a cara!

Ditinho achou que melhor estratégia era a retirada.

Não muito longe, uma menina com um vestido sujo e pés no chão, igualmente sujos, o chamou e perguntou se ele queria dar uma cheirada na lata.

- O que vocês estão cheirando?
- É cola de sapateiro.
- Mas para que vocês fazem isto?
- Para voar e ficar corajoso.
- É bom?
- É bom, mas às vezes a gente passa mal e sempre a gente quer cada vez mais e mais.

Em vista da relutância de Ditinho, a menina ofereceu a um cachorro que passava na rua.

O cão, acreditando que era alguma coisa boa de comer, cheirou a lata e começou a espirrar sem parar, chacoalhando a cabeça. Ele se afastava da lata quando ela oferecia novamente.

Ditinho logo percebeu que aquilo não era bom e abandonou o local, preferindo procurar outra esquina para ficar.

Quando voltou seus olhos para a praça pela última vez, viu a polícia colocar todas as crianças em uma viatura. Não sabia para onde as estavam levando e prosseguiu em sua marcha.

Ditinho começou a se sentir como um estranho neste ambiente e lembrou-se de Cotinho:

‘O que mais aborrecia Cotinho era ver como todos os porcos do chiqueiro aceitavam a ideia do abate. Eles viviam como se nunca iriam para o abate. Isto incluía seus pais e seus irmãos.

Eles não se preocupavam muito com isto. Queriam apenas comer, comer, comer cada vez mais. Aceitavam isto de cabeça baixa. Porcos andam sempre de cabeça baixa.

Mas, Cotinho não. Ele queria viver, crescer, passear, conhecer o mundo ao redor da fazenda e morrer um dia por velhice, como todo mundo. Abate nem pensar.

Nos dias que se seguiram, Cotinho tinha somente um pensamento - como livrar-se do abate. Cotinho começou a observar tudo e todos em volta da fazenda. Não demorou muito para descobrir que nem todos os animais iam para o abate... ’

Ditinho começou a acreditar, pela primeira vez, que ele precisava encontrar outra forma de ganhar dinheiro. Ele também queria uma nova vida, crescer.

- Cotinho descobriu as alternativas para mudar sua vida e conseguiu! E eu, o que faço?

Nestas horas, sentia a falta do Semáforo Mágico e de seus sábios conselhos.

Ditinho resolveu catar sucatas na rua para vender. Este era um negócio que estava dando mais do que as esmolas. E era algo que dependeria mais dele. Não teria que se humilhar perante dezenas de motoristas para ganhar algumas moedas no final do dia ou da noite.

Ele mesmo construiu um carrinho de mão com madeiras e duas rodas que encontrou no lixo e saiu em busca das latinhas de alumínio, papelão, vidro, ferro e tudo o que pudesse encontrar que os sucateiros compravam.

E foi nesta busca de sucata que Ditinho teve uma grande surpresa.

Um dia, vasculhando por sucata em um monte de ferro velho jogado em um terreno, ele ouviu uma voz:

- Ei, Ditinho!

Ditinho assustou-se. Quem o estaria chamando e como sabia de seu nome. Não havia mais ninguém no terreno. Pensou que era um fantasma!

- Ei, Ditinho. Sou eu, lembra-se de mim?

Procurando se controlar, Ditinho olhou em volta e, finalmente, encontrou a parte de cima de um semáforo jogada em um canto, todo enferrujada.

Ao se aproximar com cuidado, viu as luzes acenderem fracamente por detrás dos vidros quebrados.

- Não, não pode ser, disse Ditinho.

- Sim, sou eu! O Semáforo Mágico. Eu estou muito fraco e não vou conseguir falar com você por muito tempo. Mas, que bom que nós nos encontramos. Eu quero dar a você três grandes conselhos que acho muito importantes para a sua vida!

Ditinho, com lágrimas nos olhos, concentrou sua atenção no Semáforo Mágico.

- Eu vou lhe dar as minhas luzes, são três luzes. Procure seguir estas recomendações e a história de Cotinho se repetirá com você, meu amigo! Disse o Semáforo Mágico com uma voz que mal dava para ouvir.

E ele continuou:

- Ditinho, na Estrada da Vida passam milhões de carros e você possui o seu e é o responsável por ele. E você estará sempre na direção deste seu carro. Somente você tem o controle de parar, seguir em frente, mudar de caminho, determinar a velocidade. Compete exclusivamente a você dirigi-lo pelos caminhos em busca de seu destino, de seu sucesso e de sua felicidade.

- Você terá que manter seu carro com as virtudes para poder enfrentar os obstáculos e ser bem sucedido, ser feliz e fazer as pessoas felizes também. Você precisará adquirir as virtudes para dirigir o seu carro sempre com segurança e sucesso. Lembre-se sempre delas!

- Elas são: competência, dedicação, esforço, estudo contínuo, bom relacionamento, trabalho árduo, persistência, qualidade, produtividade, honestidade, ética de comportamento, humildade, bondade, amor, amizade, senso de justiça, reconhecimento, motivação e paciência. Na verdade, na Estrada da Vida, você vai se deparar com muitos obstáculos.

- Mas, grave em sua memória os seguintes maiores obstáculos: preguiça, violência, arrogância, mau comportamento, ignorância. Ditinho, em qualquer travessa da Estrada da Vida que você dirigir o seu carro, tome cuidado com estes obstáculos. Afaste-se deles! Eles podem prejudicar o seu caminho em busca do sucesso e da felicidade e até destruir a sua vida! Agora, eu quero que você me traga um copo com água e um pouco de óleo!

Ditinho estranhou esta solicitação de seu amigo, mas procurou cumpri-la de imediato.

Após percorrer o lixo, encontrou um copo plástico e uma lata que continha um restinho, ainda, de óleo.

- O que será que o Semáforo Mágico vai fazer com este copo com água e estas gotas de óleo?

E o Semáforo Mágico continuou com sua experiência:

- Ditinho, coloque uma gota de óleo no copo de água!
Ditinho cumpriu a ordem.

- O que você está vendo? Indagou o Semáforo Mágico.

- Não estou vendo nada. Apenas, uma gota de óleo boiando em cima da água!

- Agora, balance o copo com água bastante! O que você está vendo?

Ditinho achava que o Semáforo Mágico definitivamente estava quebrado ou ficando maluco, mas continuou cumprindo suas ordens.

- Continuo não vendo nada. Apenas, a gota de óleo boiando em cima da água!

E o Semáforo Mágico concluiu:

- Ditinho, aí é que está a mensagem que gostaria de transmitir para você! Note que, apesar de você ter balançado o copo com água, a gota de óleo continua intacta. Ela não se misturou com a água. Continua sendo uma gota de óleo!

- Bem, e daí? Perguntou Ditinho cada vez mais intrigado.

- No ambiente em que você vive você estará sujeito a muitas influências más e negativas de todos os lados e de muitas pessoas. Este ambiente é a água. Mas, você pode manter uma atitude limpa e manter um bom comportamento e preservar seus valores morais sem se misturar com este ambiente. Ou seja, você pode ser a gota de óleo. Você está junto no ambiente, mas não está se misturando ao ambiente. Entendeu?

- Sim, não é fácil fazer isto. Mas, entendi sim.

- Ditinho! Estou perdendo minhas forças, mas preciso passar para você minhas três luzes. Procure lembrar-se sempre delas e seguir suas orientações. Promete?

- Sim, prometo amigo! Confirmou Ditinho.

E o Semáforo Mágico encerrou com estas palavras:

- A luz verde abre para você a porta da Educação. Não deixe de estudar, qualquer que seja a sua condição de vida. Nunca abandone a escola. Fale com sua mãe que você quer ir para a escola e aprender a ler, escrever, fazer cálculos. Estude, estude muito e estude sempre. Somente os estudos podem lhe assegurar a base para crescer na vida, como pessoa e como profissional. Aprenda uma profissão. Há muitas escolas que ensinam uma profissão. E leia, leia muito. Leia todos os livros que puder. Muitos deles você encontrará no próprio lixo.

- A luz amarela abre para você a porta da Religião. Você precisa aprender o Evangelho, a vida de Jesus, a sua força, o sofrimento pelo qual passou para nos salvar. Tenha fé em Jesus. Ele é seu amigo e é nele que você poderá sempre confiar. Converse com ele todas as vezes que se encontrar em perigo ou em tentação. Passe a frequentar uma igreja, assista

aos cultos, reze principalmente para o seu anjo da guarda. Suas orações farão com que tenha um anjo da guarda forte e protetor e que o guiará para o caminho do bem e do sucesso em sua vida. O seu anjo da guarda mora em sua consciência e conversará com você sempre. Eu estarei sempre em sua consciência, juntamente com o seu anjo da guarda, para ajudá-lo a julgar seus atos. Vamos ajudá-lo a tomar uma posição correta com relação ao que acontece ao seu redor e nos relacionamentos com as outras pessoas. Nós estaremos sempre mostrando se você está praticando uma ação errada ou uma ação correta. Ditinho, siga sempre sua consciência e tenha sempre muito boa sorte e sucesso nesta linda vida que te espera pela frente!

- A luz vermelha abre para você a porta da Moral. Procure manter e aperfeiçoar seus valores morais. Mesmo que você viva em um ambiente ainda desfavorável e conheça pessoas de má influência, você pode se proteger não deixando se contaminar por elas. Você pode e deve sempre ser um menino bom, não aceitando maus conselhos e não adquirindo hábitos criminosos. Você ouvirá sempre de seu anjo da guarda o que é um ato criminoso ou não. Lembre-se do copo com água e a gota de óleo!

De repente as luzes do semáforo se apagaram e a voz se calou.

- Amigo, amigo, não se vá! Gritava Ditinho chorando.

Ditinho sentou-se e continuou chorando, quando ouviu pela última vez:

- Amigo, estou me despedindo agora. Lembre-se sempre do que eu falei. Junte-se a estes três amigos que acabei de falar - a Educação, a Religião e a Moral. Eles estarão sempre lhe dando as mãos e o guiando para o sucesso. Seja feliz e que tenha a oportunidade de uma nova vida!

Com estas últimas palavras o semáforo apagou-se e se calou para sempre. Ditinho, inconsolado, pegou o que restava do Semáforo Mágico e o levou para o seu barraco na favela.

- Mãe, esta sucata eu não vou vender nunca. Ela estará comigo para sempre!

A mãe de Ditinho achou estranha esta conversa de Ditinho, mas não ampliou a conversa. Estava, ainda, preocupada com o que faria para o almoço. Ditinho levou a sério as recomendações do Semáforo Mágico. Voltou a estudar na escola próxima à favela onde morava.

Ele guardava e lia todos os livros que achava no lixo. Começou até a emprestar seus livros para outras crianças da favela, criando uma pequena biblioteca em seu barraco. Quase todos os finais do dia ele passava pela igreja da favela e acompanhava o culto religioso e, como sempre, orava e pedia a proteção do seu anjo da guarda. E procurou proteger-se das más companhias. Ou afastando-se delas ou não se contaminando pelas más influências e maus conselhos quando era obrigado, de alguma forma, a conviver com estas pessoas por algum tempo.

Ditinho abandonou as esquinas e as esmolas. Percebeu que receber esmolas o estava destruindo como ser humano pelas humilhações que passava. Assim como Cotinho, procurou alternativas para sobreviver. Ele fez de tudo um pouco - foi catador de sucata, foi engraxate, foi lavador de carros, foi ajudante de pedreiro.

À medida que sua idade avançava e ele avançava nos estudos, Ditinho conseguiu entrar em uma escola técnica gratuita do governo. O dia de sua formatura como Técnico Industrial foi de grande emoção para sua mãe Raimunda. Ditinho, formado Técnico Industrial, foi contratado por uma grande empresa que fabrica peças de automóveis.

Ditinho era um funcionário muito considerado. Graças à sua dedicação foi promovido para Monitor e depois Chefe de Manutenção. Graças aos seus três amigos inseparáveis - a Educação, a Religião e a Moral - realizou os seus sonhos e ideais de vida e vive uma vida bem confortável e feliz ao lado da esposa e filhos.

Em sua mesa de trabalho no escritório, Ditinho, agora o Senhor Benedito, mantinha a peça do Semáforo Mágico, toda reformada e pintada. Ele consertou os vidros e trocou as lâmpadas, fazendo uma linda decoração da sala que chamava a atenção de todos. Quando ligada na tomada, o semáforo acendia sua luz verde, depois amarela, depois vermelha. E repetia novamente, acendendo a luz verde, depois a amarela, depois a vermelha.

Todos os dias, o Sr. Benedito olhava para o semáforo, tocando-o suavemente. Em alguns momentos, o seu pensamento viajava longe no tempo e se lembrava do tempo em que pedia esmola nas esquinas e sentia saudades de seu amigo - o Semáforo Mágico.

Cumprida a sua missão, o Semáforo Mágico pode voltar a ser um Anjo novamente!

FIM